

ANIMA VÓCEIS



www.centroward.no.sapo.pt
centro.ward@sapo.pt

Boletim bi-anual
nº 1_2014

É com grande alegria que a Direcção do Centro Ward apresenta aos seus associados e a todos os amigos que têm participado nas Semanas de Estudos Gregorianos, o nº 1 do nosso Boletim, bi-anual Anima Vocis.

Estes Boletins terão uma vertente informativa e outra formativa. Na primeira serão dadas a conhecer as actividades mais relevantes quer do Centro Ward quer de Coros que colaboram com esta entidade. Na segunda será desenvolvido um tema sobre a Pedagogia Musical Ward e/ou Canto Gregoriano na Liturgia da Missa e do Ofício.

O tema desenvolvido no presente Boletim aborda alguns aspectos sobre o significado espiritual da Quaresma, Tempo da Paixão e Festa da Páscoa, mostrando simultaneamente vários exemplos de peças gregorianas comentadas, com incidência na Liturgia do Domingo de Páscoa.

Fica aberta, desde já, uma rubrica para os sócios e outros amigos que desejem colaborar futuramente no Boletim.

Basta que enviem para o email do Centro Ward - centro.ward@sapo.pt - as suas propostas de colaboração.

A Direcção

TEMPO DA QUARESMA

À medida que nos aproximamos do grande acontecimento Pascal, a Liturgia mostra, de forma acentuada ao Homem, o seu dever de oferecer a Deus santas obras de penitência. “Se o ímpio faz penitência viverá eternamente.” (Ez 18, 21). “Fazei penitência, pois está próximo o reino de Deus.” (Mt 4, 17).

A estação Quaresmal é o tempo propício para a prática da penitência. Todas as manifestações litúrgicas desta quadra – orações, leituras do Evangelho e da Epístola, Salmos e Hinos – são uma constante exortação à penitência. Como um *leit-motiv*, a súplica implorando a misericórdia Divina, surge com frequência – Atende Domine...(Ouvi-nos, Senhor).

Dois factos importantes sobressaem na antiga Liturgia Quaresmal e mostram claramente o sagrado respeito pelo espírito do Tempo. Um é a preparação quotidiana dos Catecúmenos para o Baptismo, cuja administração, no Sábado de Aleluia, revestia a maior solenidade festiva – uma intensa preparação intelectual e moral, revestida de penitência. O outro é a penitência pública que os pecadores praticavam. No início da Quaresma cobriam-lhes a cabeça com cinzas, eram expulsos das assembleias piedosas e imploravam, pela prática de penitências austeras, a clemência Divina até à Ceia Pascal (*in Missal Romano Quotidiano*, p. 257).

Entre as práticas da penitência, a Liturgia da Quaresma incita-nos frequentemente ao jejum e abstinência, à caridade e à oração.

A penitência, consistindo na contrição do coração, na conversão da alma ao seio de Deus, exige o arrependimento e a emenda de todos os nossos pecados.

Embora se chame Quaresma a todo o período que decorre desde a Quarta-Feira de Cinzas até ao Sábado de Aleluia, a Liturgia divide esta quadra em dois períodos distintos: Tempo da Quaresma e Tempo da Paixão.

O Tempo da Quaresma existe desde os primeiros séculos do Cristianismo e é universal. A partir do século XIII fixou-se a actual duração. Sendo um tempo móvel, dependente da Páscoa, o seu início pode variar, segundo o calendário gregoriano, entre 4 de Fevereiro e 10 de Março. Representa e comemora os 40 dias de jejum e de retiro que Cristo passou no deserto. Evoca-nos também os diversos períodos quarentenários da história bíblica: os 40 dias e 40 noites do Dilúvio, os 40 anos de castigo no deserto imposto ao povo hebreu, as quarentenas de penitência de Moisés no Sinai, do profeta Elias no Monte Horeb e de Ezequiel. (*Ibid.* p.257)

A evocação destes acontecimentos bíblicos pode animar as fraquezas da nossa fé e ajudar-nos a compreender melhor e a entrar no espírito do Tempo Quaresmal.

O Intróito do IV Domingo da Quaresma, chamado o Domingo *Laetare* é uma excepção no ambiente quaresmal. Deixando as vestes de tristeza e penitência que caracterizam a quadra, convida-nos, numa atitude de esperança, a exaltar com alegria o nosso Deus, cantando hinos em Seu louvor:

*Rejubilai, ó Jerusalém;
ó vós todos, que a amais,
uni-vos com júbilo;
exultai de alegria, ó vós,
que tendes estado tristes,
e ficareis alegres e saciados
com o leite das vossas consolações.*

Salmo:
*Alegrei-me quando me disseram:
iremos à Casa do Senhor.*

Cf. Is. 66, 10, 11; Ps. 121

IN. V

L Ae-tá- re * Ie-rú-sa-lem : et convén- tum fá- ci-
te omnes qui di-lí-gi- tis e- am : gau-
dé-te cum lae-tí- ti- a, qui in tristí- ti- a fu-
í- stis : ut exsulté- tis, et sa-ti- é- mi- ni
ab u-bé- ri-bus conso-la-ti- ó- nis ve- strae.
*Ps. Laetá-tus sum in his quae dicta sunt mi-hi : in domum
Dómi-ni í-bimus.*

in Graduale Romanum, p.108

TEMPO DA PAIXÃO

O Tempo da Paixão (duas semanas) é o complemento da Quadra Quaresmal que perfaz a quarentena da penitência.

Durante a primeira semana, a Liturgia debruça-se sobre os episódios dos últimos oito meses da vida apostólica de Cristo, desde a tentativa da lapidação, ao sair do Templo, pelos sectários do Sinédrio, [“(…) ainda não chegara a sua hora.” (Jo 8, 20)] e a sua permanência em Efreim, até ao seu regresso a Jerusalém para assistir à Festa dos Tabernáculos.

O ódio dos fariseus e dos príncipes dos sacerdotes, provocado pela inveja, estava prestes a explodir perante o triunfo da dialéctica de Cristo nas doutrinações do Templo e pelo impacto que os seus milagres tinham entre o povo, três dos quais foram a cura do cego de nascença junto do poço de Siloé, a ressurreição do filho da viúva de Naim e, sobretudo, a impressionante ressurreição de Lázaro.

Na segunda semana - a Semana Santa - a Liturgia evoca, no Domingo de Ramos, a entrada triunfal de Jesus, "Rei Imortal dos Séculos" (I Tim. 1, 17), em Jerusalém por entre aclamações de Hossanas pelos meninos hebreus que levavam ramos de oliveira - símbolo da Paz .

A oliveira tem um simbolismo riquíssimo quer no ocidente, quer no oriente. Significa Paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa.

Nas tradições cristãs e judaicas, a oliveira é o símbolo da Paz. É um ramo de oliveira que a pomba leva a Noé no fim do Dilúvio. A Cruz de Cristo, de acordo com uma antiga lenda, era feita de madeira de oliveira e de cedro. Na Idade Média era um símbolo do ouro e do amor. "Se vir à tua porta madeira de oliveira dourada, chamar-te-ei, sem hesitar, Templo de Deus", escreve Angelus Silesius ao inspirar-se na descrição do Templo de Salomão. (*in Dictionnaire des Symboles*, p. 699 - n. trad.).

Podemos agora compreender melhor o significado dos ramos de oliveira levados pelos meninos hebreus quando Cristo - Rei Imortal dos Séculos - entrou na cidade de Jerusalém por entre aclamações:

*Hossana ao Filho de David:
Bendito seja O que vem em Nome do Senhor.
Ó Rei de Israel: Hossana no alto dos céus!*

H OSANNA * fi-li- o Da-vid : be-ne-dí- ctus

qui ve- nit in nó-mi-ne Dómi- ni. Rex Is- ra- ãl :

Ho-sánna in excél- sis.

in Graduale Romanum, p.137

1ª Antífona:

Os meninos hebreus, levando ramos de oliveira, saíram ao encontro do Senhor, clamando e dizendo: Hossana no alto dos céus!

P U- e- ri Hebrae- ó- rum, * portántes ramos o- li- vá- rum, obvi- a- vé- runt Dómi- no, clamán- tes et di- cén- tes : « Ho- sánna in excél- sis ».

in Graduale Romanum, p.138

2ª Antífona:

Os meninos hebreus estendiam as vestes no caminho e clamavam, dizendo: Hossana ao Filho de David; Bendito seja O que vem em nome do Senhor.

P U- e- ri Hebrae- ó- rum * vestimé-nta prosterné- bant in vi- a, et clamá- bant di- cén- tes : « Ho- sánna fi- li- o Da- vid : be- ne- dí- ctus qui ve- nit in nó- mi- ne Dómi- ni ».

in Graduale Romanum, p.140

Depois da Última Ceia, a entrega de Cristo aos judeus, a sua prisão em Getsémani, as torturas que sofreu, e, finalmente, a sua crucifixão e morte estavam próximas, "era chegada a sua hora" (Mt 26, 45).

Sabendo os grandes padecimentos e amargura por que iria passar, Cristo mostra a sua humanidade e pede ao Pai: "Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a Vossa vontade." (Mt 26, 42).

Esta súplica ao Pai é expressa na Comunhão do Domingo de Ramos, uma breve Antífona que sintetiza todo o dramatismo do sofrimento de Cristo.

co. VIII Mt. 26, 42

P A- ter, * si non pot-est hic ca-lix transi-re,
ni-si bi-bam il- lum : fi- at vo-lúntas tu- a.

in Graduale Romanum, p.149

O Tempo da Paixão é tão antigo na Liturgia como o Tempo da Quaresma. Foi sempre considerado um tempo mais rigoroso porque está mais próximo dos Mistérios da Paixão e Morte de Jesus.

As práticas piedosas tornam-se mais intensas e fervorosas. As doutrinações aos Catecúmenos, preparatórias do Baptismo, da Confirmação e da Comunhão eram mais frequentes. Os apelos à conversão dos pecadores eram mais veementes e as penitências mais severas.

A Liturgia da Semana Santa é também muito antiga. A sua origem remonta aos primeiros cristãos da Igreja de Jerusalém. Aqui se reuniam não só junto da velha Sião (destruída pelo terramoto) para a celebração da Páscoa judaica, mas também no Cenáculo, de onde seguiam para a Via Dolorosa, animados pelos ensinamentos dos profetas e pelas tradições orais.

Há todo um simbolismo muito rico em todos os rituais da Semana Santa: a Bênção dos Ramos, dos Santos Óleos, da Água Baptismal, do Lume Novo, do Incenso, do Círio Pascal. Este último é o mais significativo. Estão representados vários elementos: gravação das letras Alpha e Omega (Jesus, princípio e fim de tudo quanto existe); da Cruz (lenho sagrado onde Cristo salvou o mundo); das cinco pinhas de incenso (as cinco chagas de Cristo que embalsamaram o mundo com perfumes do Sangue do Divino Supliciado; os quatro algarismos do ciclo anual (para que o Senhor abençoe, dirija e governe o desenrolar dos acontecimentos terrenos do ano);

a Chama de Luz acesa no Círio (a Luz Divina comunicada à Igreja para que se espalhe na alma de seus filhos, Ihes ilumine as inteligências e guie os seus passos).

Na cerimónia do Círio, o templo está na escuridão total que representa a morte de Cristo.. Mas Cristo é o Criador da Luz. O Círio surge e comunica a sua luz às velas do celebrante, do clero, dos fiéis e depois ao templo. A luz do Círio é a Luz da Luz, a Luz que ilumina o mundo: Luz das inteligências, a despertar a Fé, Luz das consciências, Luz de todo o mundo a guiar os povos.

FESTA DA PÁScoa DOMINGO DA RESSURREIÇÃO

O ciclo litúrgico da Redenção, que começa na Septuagésima e se prolonga até ao Domingo de Ascensão, atinge o seu apogeu na Festa da Páscoa.

Depois do grande mistério do nascimento de Cristo Salvador que desceu à Terra para acender na alma humana a esperança da ressurreição espiritual, um novo sopro de vida foi insuflado na criatura humana para a res-suscitar, fazendo-a sair do mundo das trevas. "Eu vim para que o Homem possua a vida." (Jo 10, 10).

A Ressurreição de Cristo é o acontecimento mais significativo de toda a história humana e de todo o Universo, indo muito para além do nosso fraco entendimento.

Cessem já as penitências; enxuguem-se as lágrimas; abafem-se os gemidos... (Hino *Aurora Caelum*) pois "Jesus ressuscitou verdadeiramente" (Mc 16, 6) e "já a morte não terá poder sobre Ele" (Rom 6, 9).

A Liturgia da Páscoa está repleta de aleluias - aclamações de profunda alegria pela Ressurreição de Cristo, eco das aclamações que no céu receberá o Cordeiro Místico, no dia da Ressurreição Eterna. (Ap 19, 1. 3. 4. 6).

A palavra Páscoa (do latim *pascha*, que deriva do hebreu *pesach*) significa “passagem”. No rito mosaico era uma festa instituída em memória da passagem do Anjo exterminador dos filhos dos egípcios, quando Moisés libertou os israelitas do jugo do Egito.

A Páscoa começou a ser festejada desde os primeiros tempos do Cristianismo. Como não havia uniformidade no dia, foi no Concílio de Niceia (séc. IV) que se decidiu definitivamente fixá-lo no Domingo seguinte à lua cheia de Março, entre 22 de Março e 25 de Abril. Daí, ser uma festa móvel. É a festa principal da Igreja Católica. É a festa das festas, segundo o Papa S. Gregório. É a solenidade das solenidades como a designa o Martirológio. Dela derivam todas as outras.

Assim como a Ressurreição de Cristo é o fundamento da nossa fé, como diz S. Paulo, “se Cristo não ressuscitou, a fé é vã” (I Cor 15, 14), também a Páscoa é o fundamento das festas cristãs.

A celebração do Domingo de Páscoa é revestida liturgicamente com as mais belas melodias gregorianas que nos transmitem a Divina Mensagem da Ressurreição de Cristo.

Intróito Resurrexi

IV.
Re-sur-ré-xi, et adhuc te-cum sum, al- le- lú- ia :

Po-su- í-sti su- per me ma-num tu- am, al- le- lú- ia :

Mi- rá- bi- lis fa- cta est sci- én- ti- a tu- a,

al- le- lú- ia, al- le- lú- ia.

in Les Plus Belles Mélodies Gregoriennes p.142
(Dom Gajard escolhe esta versão que é mais antiga que a Edição Vaticana)

Neste Intróito, todos estaríamos à espera de um grito triunfante pela Ressurreição de Cristo. Pelo contrário, deparamo-nos com uma breve Antífona de uma simplicidade que nos deixa perplexos e, ao mesmo tempo, quase nos cega como uma luz fortíssima. É Cristo que fala, que nos consola com a Sua Divina presença e se dirige ao Pai:

Ressuscitei e ainda estou convosco, aleluia. Pusestes sobre mim a Vossa mão, aleluia.
A Vossa sabedoria mostrou-se admirável, aleluia, aleluia.

A melodia transmite-nos uma grande serenidade. É pura contemplação espiritual. Não é por acaso que o compositor escolheu o IV Modo (Deuterus Plagal), com a final Mi - “O Modo que não conclui, o Modo da contemplação, da oração estática” (*Ibid.* p.142, n. trad.).

Referindo-se às palavras proferidas por Cristo que nos são transmitidas neste Intróito, Dom Gajard* apresenta as suas impressões e escreve: (...) É Alguém que está absolutamente para além das condições da nossa natureza, que não tem nada a ver com as paixões humanas. É Alguém que não tem mesmo existência própria, mas que está completamente fundido em Deus (...). Não posso cantá-lo sem sentir que Aquele que fala se dá inteiramente e no entanto, permanece Ele mesmo (...). Não sei como defini-lo: não é propriamente o triunfo, a alegria, o amor, o reconhecimento, a adoração, ainda que seja tudo isto. Nada domina. É a plenitude (*Ibid.* p.141, n. trad.).

Para compreender este Intróito, refere-nos ainda Dom Gajard, é preciso saber o que é o Cristianismo e a vida sobrenatural (...).

Ele deixa entrever o verdadeiro carácter da religião cristã, que não significa nem uma demonstração exterior, nem mesmo um sentimento, mas é toda interior, exigindo uma adesão total do ser humano à Divindade (*Ibid.* p.144, n. trad.).

Gradual *Haec Dies*

*Eis o dia que o Senhor fez;
exultemos e alegremo-nos n'Ele.
Louvai o Senhor, porque Ele é bom
e porque a Sua misericórdia é eterna!*

II Ps. 117, 24 et 1

Aec di- es, * quam fe- cit
Dó- mi- nus : exsulté- mus,
et lae- té- mur in e- a.
V. Confi- témi- ni Dó- mi- no,
quó- ni- am bo- nus :
quó- ni- am in saé- cu- lum
mi- se- ri- cór- di- a e- ius.

Alleluia. *Pascha Nostrum*

*Aleluia, Aleluia,
Cristo, nossa Páscoa, foi imolado.*

Alléluia VII 1 Cor. 5, 7

L-le-lú- ia.
V. Pascha no- strum immo- lá-
in Missel Gregorien, p. 350-351

in Missel Gregorien, p. 350-351

Trata-se da adaptação de uma fórmula bem conhecida, a dos Graduais do II Modo e que aparece com frequência no repertório gregoriano. Mas neste Gradual, curiosamente, o compositor evita a fórmula e dá livre curso à sua imaginação criadora.

Nas três frases que o compõem mais as quatro frases do versículo Confitémini, há um convite à exultação, à alegria, ao louvor a Deus misericordioso que enviou o Seu Filho para salvar a Humanidade.

O Alelúia e versículo *Pascha nostrum* são cheios de entusiasmo e lirismo. O compositor realça, com um longo vocalizo, a expressão *immolatus est*, evocando o sacrifício de Cristo, nosso Salvador.

Para Dom Gajard, esta peça sintetiza os dois aspectos da Festa Pascal – a alegria e a admiração do mistério da Redenção, mas uma alegria mais interior e profunda do que exuberante (*Ibid.* p.148, n. trad.).

* Dom Gajard (1885-1972)

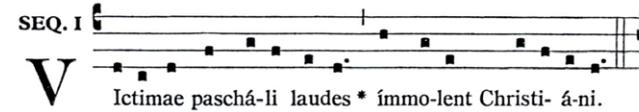
Nascido em Sonzay, foi ordenado Presbítero em 1909. Inicia-se no estudo do Canto Gregoriano durante a sua formação no Seminário, e professou como monge Beneditino em 1911 na Abadia de S. Pedro de Solesmes, recebendo a incumbência de se aperfeiçoar na arte do Canto Gregoriano e de se colocar ao serviço de Dom Mocquereau (1849-1930) nos seus trabalhos de Paleografia Musical. Este incumbe-o também da docência do Canto Gregoriano na própria comunidade de Solesmes, vindo então a tornar-se Mestre-Capela da Abadia, lugar que ocupou de 1914 a 1970.

A mestria de D. Gajard revela-se nos inúmeros artigos publicados sobre a rítmica do Canto Gregoriano, das dezenas de Conferências proferidas e Cursos ministrados por toda a Europa, da hercúlea tarefa de edição de *L' Antiphonaire Monastique*, das colaborações nas edições Vaticanas, ou ainda das várias gravações levadas a cabo pela Schola Cantorum da Abadia no ano de 1930, e desde 1951 até ao seu falecimento.

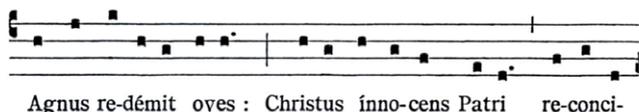
Sequência Victimae Paschali

Venham os cristãos oferecer louvores à Vítima Pascal! - O Cordeiro remiu as ovelhas: Cristo inocente reconciliou os pecadores com o Pai. - A morte e a vida travaram um tremendo combate: o Autor da vida morreu, mas Ele vive e reina. - Diz-nos ó Maria, que viste no caminho? - Vi o sepulcro de Cristo, que está vivo; vi a glória de Cristo ressuscitado. - Vi presentes os Anjos, o sudário e as vestes. - Ressuscitou Cristo, minha esperança, que precederá na Galileia os discípulos. - Sabemos que Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos. Ó Rei vencedor, tende piedade de nós. Amen. Aleluia!

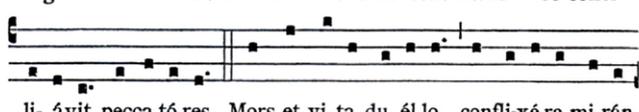
SEQ. I



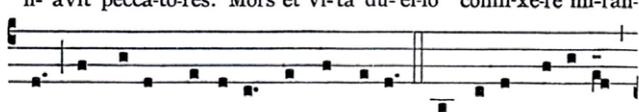
Victimae paschá-li laudes * ímmo-lent Christi- á-ni.



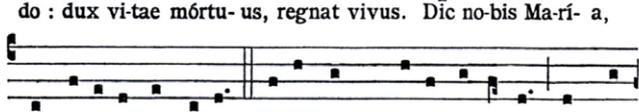
Agnus re-démit oves : Christus ínno-cens Patri re-conci-



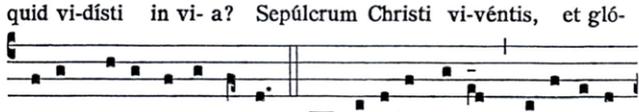
li- ávit pecca-tó-res. Mors et vi-ta du-él-lo con-flí-xé-re mi-rán-



do : dux vi-tae mórtu-us, regnat vivus. Dic no-bis Ma-rí-a, quid vi-dísti in vi-a? Sepúlcrum Christi vi-véntis, et gló-



ri-am vi-di re-surgéntis : Ángé-li-cos testes, sudá-ri-um, et vestes. Surré-xit Christus spes me-a : praecedet suos in



Ga-li-laé-am. Scimus Christum surrexísse a mórtu-is vere : tu no-bis, victor Rex, mi-se-ré-re.

in Graduale Romanum, p.198

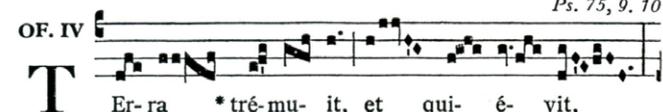
Em estilo silábico, a Sequência da Páscoa evoca de novo Cristo - a Vítima Pascal, e o diálogo de Maria Madalena com os apóstolos. A estrofe - chave *Scimus Christum surrexisse, a mortuis vere: tu nobis, victor Rex, miserere*, encerra esta belíssima Sequência. É uma afirmação de fé, exprimindo ao mesmo tempo a confiança na misericórdia de Cristo ressuscitado.

Ofertório Terra Tremuit

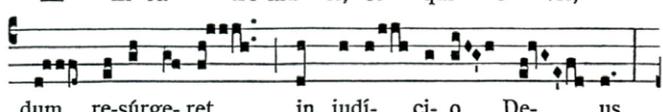
A terra tremeu e aquietou-se logo que Deus se ergueu para a julgar, aleluia.

Ps. 75, 9, 10

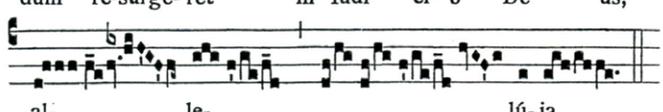
OF. IV



TEr-ra * tré-mu-it, et qui-é-vit,



dum re-súrge-ret in iudí-ci-o De-us,



al-le-lú-ia.

in Graduale Romanum, p.199

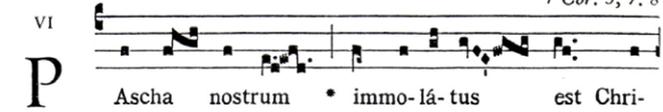
De novo o IV Modo envolve, com uma melodia profundamente expressiva, todo o texto deste Ofertório. Convida-nos a uma reflexão e contemplação profundas da Redenção que se repercutiu em toda a Terra.

Comunhão Pascha Nostrum

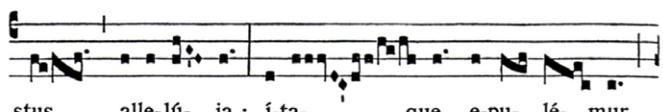
Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, aleluia. Celebremos, pois, a Páscoa com ázimos da sinceridade e verdade, aleluia, aleluia, aleluia!

1 Cor. 5, 7, 8

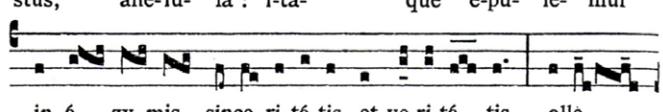
VI



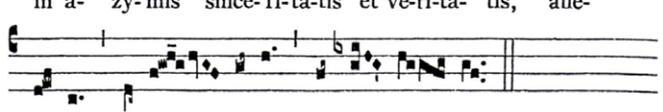
PAscha nostrum * immo-lá-tus est Chri-



stus, alle-lú-ia : í-ta-que e-pu-lé-mur



in á-zy-mis since-ri-tá-tis et ve-ri-tá-tis, alle-



lú-ia, alle-lú-ia, al-le-lú-ia.

in Missel Grégorien, p.354

O texto (I Cor. 5, 7-8) evoca de novo Cristo - a Vítima Pascal - *Pascha nostrum immolatus est Christum*, como no versículo do Aleluia.

A 2ª frase *Itaque epulemur in azymis sinceritatis et veritatis* convida-nos a celebrar a Páscoa com os ázimos da sinceridade e da verdade.

O triplo aleluia final sintetiza e transmite-nos, com uma alegria serena, a Divina Mensagem de Amor do Mistério Pascal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA

Traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares, Edições Paulinas, S. Paulo, 1971

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A.,

Dictionnaire Des Symboles, Ed. Robert Laffond S. A et Ed Jupiter, Paris, 1982

FREITAS BARROS, J.C,

Missal Romano Quotidiano -Tradução do Missale Romanum – Ritual (Abreviado), Lisboa, s.d.

GAJARD, J.

Les Plus Belles Mélodies Grégoriennes, Ed.de Solesmes, 1985

GRADUALE Sacrosancte Romanae Ecclesiae De Tempore et de Sanctis, Abbatia Sancti Petri de Solesmis, 1974

MISSEL GRÉGORIEN DES DIMANCHES, Ed. de Solesmes, 1985

Idalete Giga

ACTIVIDADES

Centro Ward de Lisboa

CANTO GREGORIANO:

Oficina de Canto Gregoriano

Nova Friburgo, Brasil
última semana de Janeiro

Oficina de Canto Gregoriano,

em colaboração com o
Conservatório Eborae Musica
Évora, 5 e 6 de Abril

63ª Semana de Estudos Gregorianos

Viseu, 24 a 31 de Agosto

PEDAGOGIA MUSICAL WARD:

**Seminário de Educação e Expressão Musical
segundo os Métodos Ward/Helden**

Nova Friburgo, Brasil
última semana de Janeiro

Curso de Pedagogia Musical Ward (3º Ano)

Lisboa
Datas a agendar a partir de Fevereiro

Coro Capela Gregoriana Laus Deo

Missa em Gregoriano

Igreja de Santo António à Sé, Lisboa
terceiros Domingos de cada mês às 17h00

Concertos:

Encerramento da Oficina de Canto Gregoriano,
no Conservatório Eborae Musica
Évora, 6 de Abril, às 18h00

Concerto de Páscoa (a agendar)

Canto Gregoriano e Órgão

Igreja do Colégio de S. João de Brito, Lisboa
(dia a confirmar, em Maio).

Agrupamento Vocal Sacra Musica

Missas:

Igreja de São João de Deus, Lisboa
15 de Março (II Dom. da Quaresma) às 19h00

Igreja de São Nicolau, Lisboa
17 de Abril (5ª feira Santa) às 22h00
20 de Abril (Dom. de Páscoa) às 22h00

Concerto:

Igreja da Luz, Lisboa
23 de Março (III Dom. da Quaresma), às 16h00

Igreja do Colégio de S. João de Brito, Lisboa
30 de Março (IV Dom. da Quaresma), às 15h30